

O IMPACTO DO BULLYING NO DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO DO ADULTO

Clareana Anauê Lorena de Souza e Silva¹ Gabriella Pereira dos Santos¹
Leandra Aurélio Baquião²

¹Graduanda do Curso de Psicologia da UNIVR – Centro Universitário do Vale do Ribeira -
Registro-SP

²Docente do Curso de Psicologia da UNIVR – Centro Universitário do Vale do Ribeira - Registro-
SP

RESUMO

OBJETIVOS: analisar e explicitar as consequências e o impacto que a vitimização de bullying durante a vida escolar acarreta em pessoas adultas, no que diz respeito a saúde mental e transtornos psicológicos.

MÉTODO: utilizamos a revisão bibliográfica para coletar dados sobre o tema escolhido.

RESULTADOS: sofrer bullying enquanto criança ou adolescente pode levar o adulto a sofrer de ansiedade, depressão, baixa autoestima, sintomas de TEPT (transtorno de estresse pós-traumático), pensamentos e ideação suicida, em menor grau sintomas de esquizofrenia e delírios, e também tendências de neurose obsessiva. **CONCLUSÃO:** o bullying tem ligação direta com o surgimento de transtornos psicológicos, especialmente ansiedade e TEPT, trazendo diversas consequências negativas a longo prazo, não somente no período escolar, mas para toda a vida, sendo necessário acompanhamento psicológico e psicoterapia, a fim de diminuir os sintomas e alcançar a melhora na qualidade de vida.

Descritores: Psicologia, Bullying, Consequências, Adulto.

ABSTRACT

OBJECTIVE: analyze the consequences and the impact that victimization of bullying through the school life entails on adult people, with regard to mental health and psychological disorder. **METHOD:** we made use of literature review to collect data about the chosen topic. **RESULTS:** being bullied as a child or teenager can lead the adult to suffer from anxiety, depression, low self-esteem, symptoms of PTSD (post traumatic stress disorder), thoughts and suicide ideation, to a lesser degree symptom of schizophrenia and delusions and also obsessive neurosis tendencies. **CONCLUSION:** bullying has direct connection to the development of psychological disorders, especially anxiety and PTSD, bringing several long-term negative consequences, not just in the school term but for the whole life, being necessary psychological

follow-up and psychotherapy, in order to reduce the symptoms and reach an improvement in the quality of life.

KEY-WORDS: Psychology, Bullying, Consequences, Adults.

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, procuramos trazer informações sobre as consequências e o impacto a longo prazo sofrido por vítimas de bullying escolar. A pergunta norteadora desta obra foi: “Quais são os efeitos sobre os adultos que sofreram bullying durante a época escolar?”.

Com o objetivo de obter a resposta desta pergunta, fizemos uso da bibliografia disponível sobre o assunto, com artigos tendo como palavras-chave: *bullying*; *consequências*; *impacto*; *longo-prazo*; *adultos*.

A fim de melhor estruturar este artigo, começaremos com a definição de bullying dada por alguns autores, em seguida evidenciaremos dados estatísticos sobre esse mal que assola crianças e adolescentes, especialmente no ambiente escolar, por fim discutiremos os resultados de estudos sobre o tema de consequências do bullying escolar na vida adulta. Salientando a ligação entre a vitimização do bullying e o surgimento de psicopatologias, sendo na adolescência ou idade adulta.

O termo bullying vem do inglês *bully*, que tem como definição alguém que normalmente procura intimidar ou machucar aqueles que podem ser percebidos como vulneráveis. No Brasil, e em outros países, por conta da dificuldade de tradução para um termo significativo direto, escolheu-se manter a palavra em inglês. Entretanto, há alguns termos que se assemelham, como “valentão” e “tirano”.

Os estudos sobre *bullying* se iniciaram na década de 70 na Suécia e na Dinamarca, no entanto esse fenômeno sempre existiu no ambiente escolar, mas não era caracterizado como tal, por se acreditar que não se passava de brincadeiras inofensivas e normais entre os estudantes. Foi na década de 80 que os estudos sobre o tema tomaram proporções maiores devido aos estudos feitos na Noruega por Dan Olweus (Chalita, 2007 apud FREIRE, A. N.; AIRES, 2012).

De acordo com Binsfeld e Lisboa (2010) o bullying é definido como ações intencionais, que se repetem e têm caráter hostil e violento que não tenha motivação visível, na qual haja relação desproporcional de poder. Como exemplos desse tipo de comportamento podemos apontar: ameaçar os colegas, tirar sarro, colocar apelidos ou ofender de qualquer maneira; roubar, chutar e socar também são expressões de bullying usadas como forma de discriminar e excluir os companheiros de classe ou escola.

Albuquerque et al (2013) divide o bullying em quatro grupos, sendo eles: físico, verbal, relacional e sexual. No primeiro grupo temos os comportamentos que se dão via proximidade física, como chutes e empurrões; no segundo estão os comportamentos realizados por meio da fala, como xingamentos, ameaças e piadas; no terceiro grupo temos os comportamentos que atuam prejudicando as relações entre os colegas de sala, exemplo disso são as exclusões, disseminação de histórias de cunho mentiroso, etc; no último grupo temos os atos, comentários e indiretas que giram em torno de conteúdo sexual.

Lopes Neto (2005) alerta para um novo modo de intimidação, chamado *cyberbullying*, que na verdade é a utilização da tecnologia da comunicação (celulares e internet, por exemplo) para a realização desta violência.

Outro modo de classificar o bullying é como direto ou indireto. De maneira direta é manifestado com o ataque às vítimas, sendo o contrário da maneira indireta, onde a vítima não está presente. Agredir, ameaçar, roubar, ofender verbalmente, se encaixam na classe de bullying direto. Em oposição, as condutas de excluir, difamar e agir com indiferença enquadram-se como bullying indireto. Um fato interessante é que, de maneira ampla, os meninos se envolvem mais com o bullying de forma direta e as meninas com o bullying de forma indireta, sendo este último mais complexo de reconhecer. (ISOLAN, 2014)

É possível também, dividir os envolvidos com o bullying em categorias. Podendo ser o agressor, a vítima, ou agressor-vítima. Neste último caso, o adolescente em questão muda de papel de acordo com a situação, sendo vítima com um grupo ou em um local, e agressor em um enquadramento diferente.

De acordo com estudos de Fante (2005) nos anos de 2000 a 2003 podemos observar os dados numéricos trazidos sobre o posicionamento das crianças e adolescentes envolvidos com o cenário do bullying em escolas públicas e privadas. No ano de 2000, 430 alunos foram entrevistados, onde 41% disseram ter participado de situações em que o bullying ocorreu, sendo 18% como vítima, 14% como agressor e 9% como vítima-agressora. No segundo estudo, feito em 2001 com 431 alunos com idade entre 7 e 16 anos, vemos que 47% foram participantes, sendo 21% como vítima, 15,6% como agressor e 10,1% como agressor-vítima. Já no terceiro estudo, que ocorreu no ano de 2002, 66,9% dos alunos (301) participaram do bullying, onde 25,5% foram vítimas, 22% foram agressores e 19% agressores-vítimas. Finalmente, no último estudo, realizado em 2003, com cerca de 450 alunos, 45% dos alunos foram participantes e destes, 24% foram vítimas, 8% agressores e 13% agressores-vítimas.

DESENVOLVIMENTO

As crianças nem sempre têm a dimensão do que um ato cruel pode causar na vida de um colega, fazendo com que seja possível pensar que o bullying se desenvolve diretamente por questões sociais.

A normalização do bullying como a simples “brincadeira” onde se ofende um colega de turma, costuma ser naturalizada em casa, onde pais e mães carregam esse costume de brincar apontando defeitos um no outro, onde a criança acaba sendo vítima, e então tendo essa atitude com seus colegas.

De fato, a violência conceituada como *bullying* é observada nas escolas - e em outros ambientes como no trabalho, na casa da família, nas forças armadas, prisões, condomínios residenciais, clubes e asilos. (ANTUNES; ZUIN, 2008).

Em diversas famílias, fazer brincadeiras em que todos riem e se divertem pode ser visto com naturalidade, entretanto o bullying já têm início dentro da própria família, transmitindo a imagem de naturalidade em fazer o outro se sentir constrangido com aspectos físicos e até mesmo emocionais. (NEVES, 2021)

Atitudes, comportamentos e falas que machucam o outro não devem ser tratados como sendo “bobo” ou "simplista", o bullying é algo de extrema importância, pois adolescentes e adultos frustrados e depressivos, podem tornar-se adultos suicidas. O bullying na infância e adolescência pode causar transtornos mentais no futuro, causando possíveis problemas de comunicação, sentimento de menosprezo e autoestima baixa.

Segundo Paixão; Patias e Dell'Aglio (2018) na adolescência a autoestima e a saúde mental tem papéis de extrema importância, por estar diretamente relacionada a boas vivências ou riscos durante esta fase de crescimento.

A autoestima é compreendida como um conjunto de sentimentos e pensamentos do indivíduo em relação ao seu próprio valor, competência, confiança, adequação e capacidade para enfrentar desafios, que repercute em uma atitude positiva ou negativa em relação a si mesmo. Ela é considerada um importante fator que influencia a forma de a pessoa perceber, sentir e responder ao mundo. A alta ou baixa autoestima relaciona-se às experiências da pessoa ao longo da vida, principalmente, as relacionadas à afeição, ao amor, à valorização, ao sucesso ou ao fracasso (PAIXÃO; PATIAS; DELL'AGLIO, 2018).

O bullying em si, envolve muito mais do que crianças que se agridem verbalmente ou psicologicamente, são questões sérias e que costumam ser passadas em formato de brincadeira, encobrindo o perigo que aquela brincadeira ingênua pode causar no outro, como por exemplo, diversos problemas emocionais, resultando então, em um adulto frustrado, com problemas emocionais, de convívio e de relacionamento.

Há estudos que associam autoestima baixa ou negativa com complicações no desenvolvimento dos adolescentes. Veselska et al. (2009, apud Paixão; Patias; Dell'Aglio, 2018) estudaram a correlação entre

autoestima, resiliência e diversas formas de comportamento de risco recorrentes entre adolescentes. “Neste estudo, a autoestima negativa, por exemplo, foi um fator de risco para o uso do cigarro e da maconha”. Outro estudo (Kavas, 2009 apud Paixão; Patias; Dell'Aglio, 2018) pesquisou sobre a ligação entre autoestima e comportamentos de risco à saúde como uso de substâncias viciantes como cigarros, álcool, entre outras drogas, em um grupo de adolescentes turcos. Como resultado obtiveram a resposta de que, de fato, há uma alta relação entre a autoestima negativa e o uso e abuso dessas substâncias. O estudo aponta também que os rapazes obtiveram um uso significativamente mais alto de drogas e cigarro em relação às moças.

A autoestima também pode ser usada como unidade de medida entre a rede de apoio e a ideação ou pensamentos suicidas, onde quanto mais apoio o adolescente recebe, maior sua autoestima, resultando na diminuição das ideações suicidas.(PAIXÃO; PATIAS; DELL'AGLIO, 2018)

Falkenbach, Howe e Falki (2013) investigaram associações entre auto estima, agressão, narcisismo e psicopatia, observando que a instabilidade da autoestima estava associada com a agressão. (apud Paixão; Patias; Dell'Aglio, 2018)

Esses estudos sugerem, também, que pessoas que são mais vulneráveis à depressão, por exemplo, estão mais propensas a apresentar flutuações dos sentimentos de autovalor, particularmente em resposta a eventos negativos.(PAIXÃO; PATIAS; DELL'AGLIO, 2018)

As crianças que sofrem bullying costumam demonstrar atitudes de repulsa em ir à escola, até que começam a ter crises que afetam o físico, causando transtornos emocionais graves.

Como sinais comportamentais, as vítimas de bullying, segundo Schultz (2012), tendem a colocar empecilhos para ir à escola, como se sentir indisposta, com dores de cabeça ou estômago, assim como vômito ou disenteria. Podem pedir mudança de sala ou escola, a fim de evitar sofrer bullying. Há também o sentimento desmotivador em relação aos estudos, sendo provável diminuição das notas e problemas de concentração. Ponto importante a ser observado pela família é se a criança ou adolescente volta da escola triste ou irritada, assim como verificar se os materiais estão sujos ou estragados de alguma forma. Se houver obstáculos para se relacionar com colegas de classe, dificuldade em fazer amigos ou mantê-los e isolar-se de pessoas que não sejam familiares, é um sinal de que a criança pode ser vítima de bullying escolar.

Neto (2005), traz uma tabela com sinais e sintomas possíveis de serem observados em alunos alvos de bullying:

Enurese noturna

Alterações do sono
Cefaleia
Dor epigástrica
Desmaios
Vômitos
Dores em extremidades
Paralisias
Hiperventilação
Queixas visuais
Síndrome do intestino irritável
Anorexia
Bulimia
Isolamento
Tentativas de suicídio
Irritabilidade
Agressividade
Ansiedade
Perda de memória
Histeria
Depressão
Pânico
Relatos de medo
Resistência em ir à escola
Demonstrações de tristeza
Insegurança por estar na escola
Mau rendimento escolar
Atos deliberados de autoagressão.

Dentro dos estudos de Neves (2021), podemos observar o alto nível de ansiedade, “a presença de uma inadequada expressão dos afetos, assim como aspectos ligados à depressividade”, sendo possível a aparição de sentimentos de derrota e pensamentos suicidas, assim como outros aspectos físicos e mentais semelhantes. Há também a expressão de “agressividade, irritabilidade, ressentimentos, sensações de abandono e separação”.

Ademais, identificou-se uma baixa capacidade de relacionamentos interpessoais, expressos diante de mobilização afetiva e emocional, em que os indivíduos teriam dificuldade em reagir de modo adequado, assim como uma baixa participação no pensamento coletivo, inflexibilidade e baixa capacidade de adaptação. (NEVES, 2021)

Os resultados também indicam tendências ao perfeccionismo, meticulosidade exagerada, rigidez, exemplos típicos de mecanismos de defesa da neurose obsessiva. Com scores mais baixos, porém significativos, foi possível constatar a manifestação de primeiro grau de sintomas de esquizofrenia, alucinações e pensamentos controlados por delírios. (NEVES, 2021)

Carlisle e Rofes (2007 apud ALBUQUERQUE; WILLIAMS; D’AFFONSECA, 2013) recomendam a realização de outros trabalhos e pesquisas com a temática do impacto e consequências prolongadas do bullying, baseando-se no fato de que alguns adultos vítimas de bullying sofrem de “hiperexcitação crônica do Sistema Nervoso Central (altos níveis de medo, ansiedade e irritabilidade)”, assim como sonhos intrusivos, pensamentos teor de vingança em relação à escola, além do mais, de podem demonstrar resistências ao lidar com figuras de autoridade.

Os autores Ateah e Cohen (2009) conduziram um estudo com 1.007 estudantes universitários dos Estados Unidos e 210 do Canadá, com o intuito de analisar a relação entre bullying e o desenvolvimento de sintomas de Transtorno de Estresse Pós Traumático. Ao final do estudo, foi provado que sim, adolescentes que sofrem bullying podem experimentar sintomas de TEPT devido a essas agressões sofridas. Os ataques mais citados e lembrados como “piores” foram os de origem verbal e relacional, ou seja, esse tipo de violência leva a grandes e negativas consequências quanto a saúde mental e o bem estar desses adolescentes.

Outro estudo realizado com 154 estudantes universitários da Irlanda com idade entre 17 e 55 anos, por meio do questionário Student Alienation and Trauma Survey (SATS), seguindo os critérios do DSMIV. Como resultado os autores obtiveram, assim como nos estudos anteriores, que a violência verbal e relacional são as que trazem mais consequências negativas para a vida adulta. Quanto aos sintomas de TEPT, 19,4% dos participantes faziam parte da categoria “em risco” e 6,2% estavam na categoria “cl clinicamente significativos”, evidenciando a correlação entre a vitimização na escola e saúde mental destes indivíduos. (MC GUCKIN, et al 2011)

Para a visão brasileira, temos um estudo feito por Williams et al. (2011), que contava com 81 estudantes universitários, com idade média de 21 anos, com 54% pertencente à faixa etária entre 19 e 21 anos; tendo como instrumento uma versão traduzida do questionário SATS, sendo possível constatar que 49% dos participantes apresentou sintomas de TEPT.

Nos cinemas usa-se muito a questão do quanto o bullying prejudica e machuca uma pessoa, mostrando de forma realista como pessoas que sofrem bullying se sentem em seu dia a dia. Ao longo de anos podemos achar vários filmes com o tema de bullying, citando então algum desses filmes podemos dar como exemplo “Crianças invisíveis”; foi produzido em 2005 e se compõe de sete curtas-metragens gravados em países desenvolvidos e em desenvolvimento; este foi um filme ausente de fins lucrativos e que obteve pouco reconhecimento. Apesar disso, é um filme sensacional, especialmente para psicólogos e estudantes da área, pois expõe o cenário infanto-juvenil de diversos países, no contexto desta temática que ainda precisa de maior reconhecimento e discussão na área da Psicologia no Brasil: a violência com suas diversas formas de expressão, assim como os impactos que decorrem dela. (STELKO-PEREIRA; WILLIAMS, 2017)

Percebe-se que o filme no geral aborda a definição de violência explicitada pela Organização Mundial da Saúde em 1998, a qual divide a violência em três categorias: a auto afligida: violência contra si mesmo, sendo exemplo o suicídio; a interpessoal: comportamento violento entre indivíduos; a organizada: comportamento violento de grupos sociais ou políticos.(STELKO-PEREIRA; WILLIAMS, 2017)

O filme retrata também a exclusão e o bullying que é feito com determinadas crianças por questões financeiras e questões de doença.

Além de “Crianças invisíveis”, existem diversos filmes em que o bullying é citado, como por exemplo: "Extraordinário", "As vantagens de ser invisível", "Bullying: provocações sem limites”, entre outros. Todo filme que tem bullying como temática torna-se gigantesco em conhecimento dentro desta problemática que atualmente, ainda insiste em continuar.

O perigo dentre essas crianças e jovens que sofrem bullying é de suma importância, causando problemas conforme o passar dos anos. Quem sofre bullying pode se tornar uma pessoa “estourada”, violenta e com pouco sentimento de amor ao próximo, tornando então o bullying uma controversa além da esfera social, podemos dar como exemplo massacres em escolas, citando o caso mais famoso.

Há 22 anos, em 20 de abril de 1999, na cidade de Littleton, no estado de Colorado, nos Estados Unidos, dois estudantes invadiram a Columbine High School e deram início a um dos primeiros massacres em escolas que chocaram o mundo. Em diversas pesquisas podemos achar algumas leves explicações constatadas pela polícia onde conclui-se, após muitas investigações, que o crime foi estimulado pelo desejo de vingança contra a escola e a sociedade. Tanto Eric quanto Dylan não eram considerados populares e sofriam bullying. Com isso, podemos tirar dessa pesquisa a dimensão da maldade e perigo que é uma criança/jovem sofrer bullying. Perigoso tanto para a própria pessoa que guarda consigo suas

mágoas, quanto para a sociedade, onde pessoas inocentes podem sofrer as consequências. (VIEIRA; MENDES; GUIMARÃES, 2009)

CONCLUSÃO

Ao longo dos estudos pôde-se analisar o que causa em uma pessoa passar sua infância ou adolescência sofrendo bullying. O bullying costuma ser muito praticado em escolas, pois é exatamente quando as crianças e adolescentes se deparam com pessoas diferentes das que costumam conviver, seja fisicamente, financeiramente ou outros. Diante disso, começam então as práticas de comentários maldosos e humilhações, provocando a ação do bullying.

Tendo como base os diversos estudos com o tema bullying podemos tirar como conclusão a importância da ajuda de um profissional da área da psicologia.

O psicólogo é o profissional apto para realizar um trabalho de prevenção e enfrentamento da violência escolar, ajudando a escola a construir espaços e relações mais saudáveis. Mas, para isso, é de fundamental importância que ele esteja inserido no ambiente da escola, participando do seu cotidiano para que possa ter uma atuação específica e mais voltada à realidade.(FREIRE; AIRES, 2012)

O papel do psicólogo, como profissional da área de saúde mental, é ajudar os indivíduos a superar ou pelo menos aprender a lidar e conviver com as sintomatologias desenvolvidas como consequência de ser vítima do sofrimento do bullying durante a idade escolar, especialmente na adolescência.

Há também a importância de disponibilizar ajuda aos praticantes do bullying, pois esta é uma questão social. Pessoas que praticam o bullying costumam estar em situações críticas, esconder suas fraquezas e dores, espalhando ódio e provocações ao próximo. É muito comum pessoas que sofrem bullying, também o praticarem, para aliviar a dor de estar sendo humilhado.

O bullying envolve situações sociais, financeiras e familiares; diante disso a procura pela ajuda é o que poderá salvá-lo da possibilidade de desenvolver depressão, crises de ansiedade, síndrome do pânico, entre outros fatores que poderão ser ampliados ao ser colocado em situações críticas como as provocações repetidas que costuma ser feita nas práticas de bullying.

Torna-se também importante haver diálogo com a família do jovem praticante do bullying, onde costumam enxergar essa forma de violência contra os amigos, como apenas brincadeiras entre jovens, tirando o peso que essas provocações e humilhações tem e como podem afetar na vida do próximo.

Por ser algo socialmente muito falado, e muito visto, é de suma importância eliminar o pensamento de que o bullying “é apenas uma brincadeira” e começarmos a enxergar com olhar crítico os assédios morais que são praticados contra o próximo, pois tornou-se muito comum a utilização de apelidos em

escolas, quando se trata de pessoas gordas, negras, que usam óculos ou minorias sociais em geral, acarretando a normalização de um ato tão cruel, e de extremo impacto a quem é ofendido de diversas formas por não se encaixar dentro do padrão dos olhos de quem vê. Após haver a desnormalização no interior das escolas, famílias, e qualquer grupo que tenha crianças e jovens, o bullying será visto com muito mais peso do que costuma ser visto atualmente.

Ao longo deste trabalho, pudemos ver os prejuízos que o bullying acarreta na vida dessas pessoas, então podemos constatar a importância da fala dentro das escolas e famílias, para que seja evitado. E ao acontecer, a importância do tratamento com um profissional da psicologia, para que essa pessoa possa ser orientada, acolhida e que se sinta ouvida.

Brincadeiras devem ser saudáveis, amigáveis e gostosas para todos, não devem machucar, oprimir ou humilhar quem é diferente do padrão de quem vê.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, P. P.; WILLIAMS, L. C. A.; D’AFFONSECA S. M. **Efeitos tardios do bullying e transtorno de estresse pós-traumático: uma revisão crítica.** *Psicologia: Teoria Pesquisa*: Brasília, Vol. 29, Nº 1, pág 91 – 98, Mar 2013.
- ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. Á. S. **Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação.** *Psicologia & Sociedade* [online]. 2008, v. 20, n. 1, pp. 33-41.
- ATEAH, C; COHEN, I. **School Victimization and Bullying Experiences: Cross-national Comparisons Between Canada and the United States.** *Currents: New Scholarship in the Human Services*, Vo 8, N 1, 2009.
- BINSFELD, A. R., & LISBOA, C. S. de M. **Bullying: Um estudo sobre papéis sociais, ansiedade e depressão no contexto escolar.** *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, Vol 4, n 1, pág 74-105. 2010
- CHALITA, G. **Pedagogia da amizade: bullying - o sofrimento das vítimas e dos agressores** São Paulo: Vozes. 2007 *apud* FREIRE, A. N.; AIRES, J. S. **A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying.** *Psicologia Escolar e Educacional* [online]. 2012, v. 16, n. 1, pp. 55-60.
- FALKENBACH, D. M., HOWE, J. R., & FALKI, M. (2013). **Using self-esteem to disaggregate psychopathy, narcissism, and aggression.** *Personality and Individual Differences*, 54, 815-820 *apud* PAIXÃO, R. F; PATIAS, N. D; DELL'AGLIO, D. D. **Autoestima e sintomas de transtornos mentais na adolescência: variáveis associadas.** *Psicologia Clínica e Cultura • PsicTeor. e Pesq.* v 34, n 34436. 2018.
- FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência escolar e educar para a paz.** São Paulo: Verus; 2005.
- FREIRE, A. N.; AIRES, J. S. **A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying.** *Psicologia Escolar e Educacional* [online]. 2012, v. 16, n. 1, pp. 55-60.

ISOLAN, L. **Bullying escolar na infância e adolescência.** Rev. Bra. Psicoter. Vol. 16, n 1, pág 68-84, 2014.

Página

KAVAS, A. B. (2009). **Self-esteem and health-risk behaviors among Turkish late adolescents.** *Adolescence*, 44(173), 187-198. *apud* PAIXÃO, R. F; PATIAS, N. D; DELL'AGLIO, D. D. **Autoestima e sintomas de transtornos mentais na adolescência: variáveis associadas.** *Psicologia Clínica e Cultura • PsicTeor. e Pesq.* v 34, n 34436. 2018.

MC GUCKIN, C., LEWIS, C. A., CUMMINS, P. K., & CRUISE, S. M., **The stress and trauma of school victimization in Ireland: A retrospective account.**, *Psychology, Society, & Education*, 3, 1, pag 55-67, 2011

NETO, A. A.L. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes.** *Jornal do pediatra. J Pediatr (Rio J).* 2005;81(5 Supl):S164-S172.

PAIXÃO, R. F; PATIAS, N. D; DELL'AGLIO, D. D. **Autoestima e sintomas de transtornos mentais na adolescência: variáveis associadas.** *Psicologia Clínica e Cultura • PsicTeor. e Pesq.* v 34, n 34436. 2018.

NEVES, R. C. **Adolescentes que sofreram bullying: avaliação do impacto psíquico com métodos projetivos (Escola de Paris).** 158 f., il. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura)— Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

SCHULTZ, N. C. W et al. **A compreensão sistêmica do bullying.** *Psicologia em Estudo.* Vol. 17, n 2, pág 247-254. Epub 20 Nov 2012.

STELKO-PEREIRA, A. C; WILLIAMS L. C. A. **Crianças invisíveis: um filme sobre a violência em suas múltiplas formas.** *Psicologia Argumento.* Nov, 2017.

VESELSKA, Z., GECKOVA, A. M., OROSOVA, O., GAJOSOVA, B., VANDIJK, J. P., & REIJNEVELD, S. A. (2009). **Self-esteem and resilience: The connection with risk behavior among adolescents.** *Addictive Behaviors*, 34, 287-291. *apud* PAIXÃO, R. F; PATIAS, N. D; DELL'AGLIO, D. D. **Autoestima e sintomas de transtornos mentais na adolescência: variáveis associadas.** *Psicologia Clínica e Cultura • PsicTeor. e Pesq.* v 34, n 34436. 2018.

VIEIRA, T. M; MENDES, F. D. C; GUIMARÃES, L. C. **De Columbine à Virgínia tech: reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão.** Psicologia: Reflexão e Crítica [online]. 2009, v. 22, n. 3, pp. 493-501.

WILLIAMS, L. C. A. et al . **Efeitos a longo prazo de vitimização na escola.** Gerais, Rev. Interinst. Psicol., Juiz de fora, v. 4, n. 2, p. 187-199, dez. 2011.

Página